

O Carnaval de Loulé

Consta-nos que está marcada uma reunião para estudar as possibilidades da realização dos festejos de 1967. Oxalá resulte frutuosa.

(Avença)



ANO XV N.º 360
DEZEMBRO — 6
1 9 6 6

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 22319 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR

EDITOR E PROPRIETARIO

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULE

EM DIA DE ANIVERSÁRIO

Com o presente número completa «A Voz de Loulé» 14 anos de existência. E porque é hábito na imprensa assinalar cada aniversário que passa, não podíamos deixar de redigir algumas palavras de regozijo e ao mesmo tempo de amargura.

De regozijo, por termos conseguido manter o nosso jornal durante estes 14 anos de vida. E de amargura por termos conseguido realizar tão pouco em tão largo período de tempo.

Bem gostaríamos de ter feito mais e melhor, mas para tal não chegáramos nem a nossa competência, nem as disponibilidades de tempo de quem faz um jornal por um dever indeclinável de servir a terra onde nasceu e por cujo progresso deseja lutar.

Missão ingrata, espinhosa e difícil e erigida de espinhos que nos colocam no caminho para que escorreguemos. Mas mesmo assim temos conseguido manter uma linha de rumo que é o nosso ideal: lutar sem desfalecimento pelo progresso de Loulé e bem-estar de toda a população do seu concelho.

E fazendo-o pensamos também naqueles louletanos que em terras estranhas e na nossa África

Campanha Pró-Residência Paroquial

Transporte 39.770\$00
Anónimo, 20\$00; José dos Cabegos, 10\$00; Libânia, 2\$00; António Semão, 10\$00; Filipe Pencairinha, 20\$00; Anónimo, 20\$00; Anónimo, 5\$00; Vitória Sousa Cristina, 10\$00; Maria Mestre, 5\$00; Marcos Marum Periquito, 10\$00; Anónimo, 3\$00; Eteylna Matos, 5\$00; Noémia Rosa, 7\$00; Ilídio Rosa, 2\$50; José Lúcio, 1\$00; Idalina Estrela, 2\$50; Joaquim Simão, 2\$50; Lídia Caleiras, 1\$00; Apolinária Sousa Cristina, 12\$50; Joaquim Portela, 5\$00; Eduardo Bonifácio, 5\$00; Beatriz Guerreiro, 20\$00; Antónia Farias, 20\$00; Silvina de Brito, 20\$00; Manuel Machado, 5\$00; Pires Machadinho, 5\$00; Vitalina Machadinho, 5\$00; Otília dos Santos, 5\$00; Ivone Calado, 5\$00; Alberto, 5\$00; Francisca Alagosa Portela, 5\$00; Rosalina Martins, 5\$00; Maria do Carmo Luz, 2\$50; José Figueiredo Portela, 10\$00; José Bernardo, 2\$50; Rui Manuel, 2\$50; Rosa Coelho Mendes, 5\$00; Manuel Pires Coelho, 20\$00; Maria Mariano, 20\$00; Maria da Conceição do Carmo, 2\$50; Maria Lurdes Guerreiro, 2\$50; Ana da Conceição, 7\$50; Noémia Correia, 10\$00; José Caetano Gonçalves, 20\$00; Augusto Aleixo, 12\$00; Adelina Virote, 5\$00; Manuel Portela, 5\$00; Vitória de Sousa Laginha, 20\$00; Joaquim Pedro da Cruz, 10\$00; Eufrásia Pencairinha, 10\$00; Francisca da Mana, 12\$50; Joaquim Pedro (Franquea-

(Continuação na 2.ª página)

Panorâmicas... de Loulé

Muitas das pessoas que lêem estes escritos não sabem o trabalho que o autor tem em arranjar, por vezes, assunto que entreteña, sem ser um mero amontoado de palavras ou reportagem de almoços e jantares, ou recordações de sucessos passados.

Por mais que se estude e recolham elementos por aqui e por ali, ao fim do dia, o panorama de Loulé, é, raras excepções, sempre o mesmo, sem sensíveis mutações.

Falar da alta dos preços, da escassez do bacalhau, do que se passa com fulano, do que diz de sicrano, cultivar as desavenças dos que pertencem ao grupo A ou ao grupo B, queixarem-se de que a obra do sr. X não anda porque a Câmara não aprova o projecto, e pouco mais.

trabalham, lutando por uma vida melhor, mas sempre saudosos da terra que lhes foi berço e portanto para quem o «seu jornal» é algo que faz parte da sua própria vida porque é com um fragmento da terra natal que periodicamente lhe chega às mãos a levar uma mensagem se não de fé e de esperança, pelo menos de reconforto espiritual.

Portanto, em dia de anos temos que dirigir sempre para esses louletanos algumas palavras de saudação amiga para lhes dizer das nossas intenções de mantermos, através deste pe-

(Continuação na 4.ª página)

UMA DATA E UM ANIVERSÁRIO

Para se sentir o acordar da Nação e o vibrar dos clarins em 1640 é preciso que recuemos 50 anos na História e nos situemos naquele período que antecedeu 1580.

Debalde D. João II e o seu sucessor, D. Manuel, se esforçaram por aparelhar esquadras, provê-las de material e soldados, em demanda de mundos desconhecidos, porquanto, três gerações decorridas, todos os esforços estavam virados do avesso. Caíamos em decadência!

A febre dos descobrimentos levou-nos o melhor da raça na gente válida para o trabalho. Ser soldado na Índia, ou embarcado a bordo duma nau tornaram-se profissões apetecidas e tão

O ALGARVE E O TURISMO NACIONAL

A atracção do turista pelo Algarve existe-se num surto de empreendimentos e realizações que tornam o fenómeno tão flagrante, irreversível e promissor que tem de ser encarado dentro de um panorama à escala nacional.

A validade económica deste pressuposto não pode deixar de interessar as entidades responsáveis, na medida em que representa um predomínio nos factos que podem contribuir para uma maior riqueza do País, para uma reforma e reorganização que se

avizinha e não pode ser encarada sob a unilateralidade com que se impôs.

Quando pensamos que ainda não há um plano condutor, que ainda se não preparou uma concepção de reforma dos elementos que possam dar vitalidade a esta fonte de vida nacional da qual não será só o Algarve a colher os louros e as vantagens, confrangemo-nos com a indiferença com que o fenómeno tem sido encarado.

(Continuação na 2.ª página)

O CARNAVAL APROXIMA-SE

APATIA?

Faltam menos de 2 meses para o Carnaval e parece que ainda não está assegurada a realização em Loulé, das tradicionais Batalhas de Flores.

Isto só não é de espantar porque acontece anualmente, mas é doloroso para o nosso brio de louletanos porque faz avolumar o receio e prejudicial quebra duma continuidade necessária para o bom êxito dumas festas que têm dado fama a Loulé e substancial receita para o seu Hospital.

Apesar da escassez de tempo e da apatia com que parece estar a ser encarada a realização das nossas festas, temos fé em que Loulé há-de realizá-lo.

Nelas se consubstanciam a vitalidade e as últimas particularidades dum bairroismo que, teimo-

sa e persistentemente, os louletanos querem conservar a todo o custo.

Enquanto for possível mantê-lo, o Carnaval de Loulé será simbolicamente o último vestígio dum bairroismo que deu à nossa ridente Vila a fama (e o proveito) dum progresso que a tornou bela e notória.

Por isso é-nos doloroso pensar que também se há-de extinguir essa centelha duma vitalidade que dá ânimo a alguns louletanos para se usirem e trabalharem por uma causa que a todos enobrece e dignifica.

E pensarmos nós que o fazer-se ou não o Carnaval de Loulé pode depender da indomável energia de uma única pessoa que

(Continuação na 4.ª página)

NOTAS A ESMO...

Educação: — O hábito das boas maneiras, das atenciosas deferências, das delicadezas no trato vai-se desfazendo no dia a dia do... pá! Não se vislumbra modificação apreciável, retorno válido, ao que marcou a época da boa educação. Presentemente o que existe é o insulto sóez, a incorrecção persistente e selvajaria desmarcada, o riso alvar. Assim é que está bem? Pois que bem patentes.

Crítica: — A crítica construtiva apontando os erros possíveis ou supostos, com a indicação da melhor maneira de resolver os problemas, segundo o modo de ver do crítico, o qual aponta a solução em seu entender mais

adequada, é útil, necessária e pertinente. Deste modo se evitam erros que doutra maneira passariam despercebidos, ainda que bem intencionados.

Mas criticar, só para dizer mal ou lançar aleivosias, não é crítica é balbezia. Quem assim procede contribui para envenenar o ambiente, lançar a suspeição, sustentar a calúnia, sem quantas vezes ter conhecimentos ou crítica. Mas para dizer mal, basta ter apenas falta de vergonha e dar-se ares... E é neste ambiente pestilento e mortífero que se desenrola a vida em certas localidades, bem dignas de melhor sorte.

Festas: — As festas pressupõem um estado de espírito libertado de preocupações, uma situação calma e feliz. Então apetece compartilhar nos divertimentos que se fazem para recreio das populações.

Mas quando a nação vive e sofre o peso de ataques injustos, quando muitos dos seus filhos caem em defesa do património herdado dos nossos maiores, realizar festas para distrair os que nos atacam, aqueles que nos desejam espolar, toca as ralas da inconsciência ou da má intenção.

É tempo de enveredar por uma atitude digna e nobre, e não dar a impressão de inconsciência e insensatez. Quatro ou cinco anos de situação de sofrimentos inenarráveis são tempo mais do que suficiente para abrir os olhos às realidades.

Solimão Fagundes

(Continua na 3.ª página)

A HOMENAGEM AO PRIOR DA MATRIZ

Durante o dia houve celebrações litúrgicas a que acorreram padres de todo o Algarve, contemporâneos ou discípulos do bondoso Prior João Coelho Cabanita. A missa solene dita pelas 16,30 horas reuniu grande multidão de fiéis que mal cabiam no maior templo da Vila.

A noite no restaurante «Mira-mar» em Quarteira, juntaram-se

muitos amigos do homenageado, ultrapassando a centena, assistindo a um jantar a que concorreu gente da mais distinta sociedade louletana.

Iniciou a série de brindes o sr. Eduardo Rafael Pinto, Presidente da Câmara Municipal, que falando em seu nome pessoal se regozijou pela distinta homenagem.

(Continuação na 2.ª página)



Um aspecto do jantar de homenagem ao Rev. Padre Cabanita

RECORDANDO...

Nos Bastidores da Imprensa

Foi há dias inaugurado, por S. Ex.ª o Chefe do Estado, o troço da estrada do Alto Algarve, ligando S. Bartolomeu de Messines a S. Marcos da Serra.

Chamamos-lhe estrada do Alto Algarve em obediência ao título que lhe demos há cerca de quarenta anos, quando, no «Progresso Algarvio», que então se publicava em Lagoa, enfrentámos a sua possível construção, sob o título referido e numa série de artigos. A história, afinal, resume-se em pouco, e vamos tentar reconstruí-la:

Era então professor na vila

de Lagoa, quando fui procurado por João Simões, secretário da Câmara e pelo prof. José Francisco Cabrita, ambos naturais de Lagoa, que me propuseram a fundação dum semanário regional, com características próprias.

A princípio hesitei, como não podia deixar de ser, dado que o semanário não poderia contar com outra colaboração que não fosse a minha e a do prof. Cabrita, já de si sobrecarregado pela publicação dos «Bocs do Alentejo», mensário de natureza es-

(Continuação na 2.ª página)

Divulgação das belezas do ALGARVE

Dentro do seu plano de promoção de Turismo de Inverno no Algarve a TAP trouxe à nossa província recentemente 4 grupos

de Agentes de Viagens Espanhóis, Holandeses, Belgas e Suecos os quais, acompanhados por representantes da TAP em Madrid, Amesterdão, Bruxelas e Geneve e do Sr. Luciano Seremero, Promotor de Vendas da TAP em Faro, percorreram todo o Algarve em visita aos principais estabelecimentos hoteleiros e zonas turísticas do litoral.

Estes 4 grupos somavam um total de cerca de 60 Agentes que, de regresso aos seus países, irão certamente contribuir para o crescimento dos fluxos de turismo para o Sul do País.

Esteve também recentemente no Algarve um grupo constituído por 18 Directores de Companhias de Aviação estabelecidas na Suíça, que por iniciativa do Delegado da TAP em Geneve se deslocou a Faro, Lagos e Portimão onde realizou a sua habitual reunião mensal.

Este grupo designado por F.A.B.O.S, forma uma associação que zela pelos interesses das Companhias de Aviação perante as autoridades aeronáuticas da Suíça, reunindo-se todos os meses para apreciar e discutir problemas de natureza oficial.

E pois de realçar a escolha do

FUTEBOL

O LOULETANO EM 4.º LUGAR! (5 desafios - uma única derrota)

O Campeonato Distrital da 1.ª Divisão atingiu agora a 5.ª jornada! E pode bem dizer-se que o entusiasmo domina a prova. A umas equipas melhor dotadas tecnicamente, outras se têm oposto pelo espírito generoso de combatividade dos seus elementos. Muito há ainda a esperar desta prova, pois os clubes lutam com o maior entusiasmo por se qualificarem nos primeiros postos e assim tomarem parte no Nacional da 3.ª Divisão, a que o Algarve fornecerá dois representantes. O Unidos S. Brásense, um dos mais sérios candidatos ao título, comanda a classificação, contando por vitórias os jogos disputados. O Louletano tem sido (pode bem dizer-se) a revelação do Campeonato.

Com efeito em 5 jogos dispu-

Dr. João Pedro Gomes do Cunho

Acaba de ser nomeado Juiz da Comarca de Loulé, o sr. Dr. João Pedro Gomes Lopes da Cunha, magistrado distinto que exercia idênticas funções em Odemira e onde foram devidamente apreciadas as suas qualidades.

Apresentamos os nossos respetuosos cumprimentos de boas vindas ao sr. Dr. João Pedro da Cunha e auguramos-lhe um feliz desempenho da sua espinhosa missão.

Algarve para a realização da sua reunião de Novembro, ficando-se a dever à TAP mais esta iniciativa de divulgação das belezas turísticas da Província.

Transportes de Carga Louletana, Limitada

Camions de Carga para todo o País

com sede em LOULÉ — Telefones 30 e 17

Tem o prazer de comunicar a todos os seus dedicados Clientes e Amigos que decidiu estender a sua rede de camionagem até à próspera cidade de PORTIMÃO, abrindo ali a sua 6.ª agência, que ficou instalada na

Rua Infante D. Henrique, 68

onde estará ao dispor de quantos desejem utilizar os seus serviços.

«A VOZ DE LOULÉ»
N.º 360 — 6-XII-1966

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 9 de Fevereiro, próximo, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na execução de sentença movida por Manuel Guerreiro Contreiras e OUTROS, moradores em Almancil, desta comarca, que corre pela segunda secção de processos do mesmo Tribunal, contra a executada Antónia Silvestre, sóteira, maior, doméstica, actualmente presa na Cadeia Central de Mulheres, em Tires — Cascais, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte direito penhorado àquela executada:

DIREITO A ARREMATAR

O direito e acção a ¼ parte da herança ilíquida e indivisa de Joaquim Guerreiro Contreiras, morador que foi no sítio da Igreja — Almancil, desta comarca, falecido em 30/4/942, a qual se bens imóveis herança que cabia ao «de cujus» Francisco Guerreiro Contreiras, ¼ parte, com o valor matricial correspondente de 1.830\$00, que é o valor por que vai à praça.

Loulé, 6 de Outubro de 1966

O Escrivão de Direito,

a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, 1.º Substituto,

a) Jacinto Duarte

MOAGEM

Vendem-se todos os utensílios duma moagem de rammas, constando de um casal de mós francesas, 2 aparelhos de limpeza, tegões, noras, etc.. Sistema de transmissão por correias. Tudo em estado novo.

Vende-se barato.

Tratar com João Ramos

VALE JUDEU

VENDE-SE

Terreno para construção de uma casa, na Rua da Piedade.

Tratar com António Sousa Simão — Goncinha — Loulé.

PRÉDIOS

Vende-se 2 prédios no Barreiro, ambos para 8 inquilinos, recém-construídos, com rendas de 500 a 600\$00 por inquilino. Preço: 750 e 850 contos. Tratar com o próprio: Guilherme Costa — Estrada Nacional n.º 10 — n.º 4-1.º Esq. — Telefone 273653 — Cova da Piedade.

VENDE-SE

Prédio com 6 divisões no 1.º andar e amplo armazém no rés-do-chão, na Avenida Marçal Pacheco, 92-92 A e 92 B — Loulé. Tratar no próprio local.

Campanha Pró-Residência Paroquial

(Continuação da 1.ª página)

da, 20\$00; Maria Rita Mendonça, 15\$00; José Valério Pires, 20\$00; Manuel Carvalho de Sousa, 15\$00; António Palma Nunes, 20\$00; Manuel José António Ramos, 5\$00; Maria Josefa, 2\$50; António Cristina, 2\$60; Martinho Alcária, 20\$00; António Calico, 5\$00; José Assunção, 50\$00; Anónimo, 50\$00; António Gonçalves Calico, 5\$00; Maria José Vitorino, 5\$00; José Rodrigues Cebola, 20\$00; António Murta Boniche, 20\$00; António Gonçalves Carmo, 5\$00; Manuel Rodrigues Cebola, 10\$00; Anónima, 10\$00; Anónimo, 20\$00; Joaquim de Brito da Mana, 40\$00; Anónimo, 20\$00; Manuel Correia, 20\$00; António Guerreiro, 2\$50; Francisco Romão, 5\$00; Manuel Sousa Segundo, 100\$00; Anónimo, 20\$00; Manuel Pires Pinguiha, 10\$00; José Lourenço Viegas, 10\$00; Joaquim Viegas Rodrigues, 10\$00; Maria da Glória da Silva, 5\$00; Joaquim Mendes, 10\$00; José Elias, 10\$00; José Vairinhos Leal, 2\$50; Vitória Correia Viegas, 20\$00; Abílio Rosa, 1\$00; Vitória de Jesus, 3\$00; António de Brito, 1\$00; Dionilde Tomé, 2\$50; Maria José Diogo Correia, 20\$00; Análide Correia Filipe, 10\$00; Maria Emília Guerreiro, 3\$00; Custódio Guerreiro Coelho, 5\$00; Vitória de Sousa, 2\$00; João Bartolomeu, 20\$00; Maria Pires, 7\$50; Maria José Rei, 5\$00; Laurinda Cabrita, 2\$50; Francisco Mendonça, 50\$00; Gertrudes Guerreiro, 2\$00; Maria Iria Rodrigues, 1\$00; Albertina Martins, 2\$00; Custódia Guerreiro, 1\$00; António Gomes, 2\$50; Cristóvão António, 5\$00; Lourdes Careto, 5\$00; Maria Joaquina de Jesus, 1\$50; Emílio Rosa, 1\$00; Gertrudes Lopes Guerreiro, 5\$00; Manuel Chumbinho Guerreiro, 2\$50; Bernardo da Luz, 5\$00; Joaquim de Brito, 10\$00; Manuel de Brito Marum Bota, 100\$00; Alice Guerreiro Pereira, 5\$00; Anónimo, 150\$00; Anónimo, 150\$00; Joaquim Alagoa, 1\$00; Joaquim Fragoso Marcos, 100\$00; Maria Coelho Bota, 10\$00; Glória Galvão, 1\$00; José Rodrigues, 20\$00; Emília Bernarda, 2\$50; Adelaide Pires Marum, 20\$00; José Martins, 10\$00; Domingos Andrés, 5\$00; António Velhinho, 2\$00; Manuel Elias, 5\$00; Guerreiro Murta, 3\$00; Lídia Fantasia, 1\$00; Manuel Guerreiro Olival, 100\$00; Joaquim Assis Guerreiro, 50\$00; Maria Adília, 2\$50; Glória Neto, 2\$50; Vitória de Sousa, 1\$00; Lucinda Pires, 6\$00; Manuel Pires Marum, 20\$00; Diamantina Farias Pires, 15\$00; Maria Patinha, 5\$00; Maria Graciete Guerreiro, 1\$00; Maria Emília, 2\$50; Maria Judite, 2\$50; Vitalina Costa, 2\$50; Joaquim Brancalhão Calico, 20\$00; Lucinda, Vitorino, 5\$00; Maria Francisca, 5\$00; José Maria dos Santos Mendes, 10\$00; Francisco Mendonça, 10\$00.

Soma, 42.346\$40.

«A VOZ DE LOULÉ»
N.º 360 — 6-XII-1966

O Algarve e o Turismo Nacional

(Continuação da 1.ª página)

Evidentemente que ponderamos a hora difícil que passamos, de sacrifício e aperto, com problemas prioritários para o País, com o enquadramento nas políticas económicas europeias em crise perante os fantasmas da inflação, com o desenvolvimento imprescindível do rendimento bruto nacional e com a crescente atrofia das classes débeis perante a padção do custo de vida e temos, portanto, que admitir restrições e inibições.

Mas, por outro lado, importa ter o maior cuidado, a maior atenção, a maior solicitude e o mais relevante carinho por tudo que represente produtividade, aumento de riqueza, elementos e factores que não podem ser diminuídos mas encorajados com fone de contribuição para servirem de contrapartida àqueles objectivos contra os quais se debate a nossa situação económica.

E, neste capítulo, o turismo do Algarve é uma das mais aliciantes, sérias e válidas promessas.

Se, na realidade, quisermos ver o problema com o sentido de progresso nacional que advogamos, temos de encarar se este factor de prosperidade, se o aumento de estrangeiros que nos visitam tem ou não tem preferências pelo Algarve, encontra ou não encontra nesta província do Sul maior expressão numérica, maior intensidade de atracção.

Se o número sempre crescente de turistas que nos procura, no conjunto anual, se define em flagrante maior pela nossa província, há que tirar de tal facto conclusões e proposições que assemtem e estabeleçam premissas, dados, e claros enunciados para a resolução de um problema que tão directamente interessa ao País como fonte perene e imane das divisas que necessitamos.

E não estabelecimento dessas premissas, há que considerar o Algarve como zona prioritária do turismo nacional, de a quem doer, prejudique embora outros interesses porventura mais antigos e enraizados.

Pode haver um panorama que se julgue mais apreciado, pode haver uma riqueza histórica mais pujante, pode haver um património etnográfico e folclórico mais cultivado noutras regiões, pode existir uma mais definida e vinçada e característica paisagem.

«A VOZ DE LOULÉ»
N.º 360 — 6-XII-1966

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que por este juízo e 2.ª secção de processos, nos autos de acção de divisão de coisa comum que os Autores — Carlos Manuel de Campes, peixeiro e mulher Júlia da Piedade Pontes, doméstica, moradores em Faro, movem contra os Réus — Lucinda da Conceição Campos, doméstica e marido Manuel Vieira Pescada, empregado da E. V. A., residentes em Ferreiras, Albufeira, e Maria Luísa da Silva, doméstica, e marido Floriano Correia Batista, 2.º cabo da Guarda Nacional Republicana, residentes em Silves, correm editos de vinte dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos Autores e Réus acima identificados, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos, desde que gozem de garantia real sobre os prédios divididos.

Loulé, 23 de Novembro de 1966

O Escrivão de direito

(a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito, 1.º substituto

(a) Jacinto Duarte

BOLIQUEIME

A fim de evitar transtornos na respectiva contabilidade, a Direcção da Sociedade Recreativa Boliqueimense, pede a todos os credores desta Sociedade a fineza de apresentarem as suas contas até final do corrente ano, sob pena de não proceder à respectiva liquidação.

A actual Direcção cessa o seu mandato no dia 31 de Dezembro e garantirá à nova Direcção que todas as dívidas estão liquidadas.

KNITAX

Sinónimo de capacidade, eficiência e qualidade

KNITAX

Única premiada com Medalha de Ouro



A MÁQUINA DE TRICOTAR DE FAMA MUNDIAL

A mais eficiente, prática e rápida que existe no mundo. Trabalha sem pesos nem réguas ficando o trabalho sempre à vista.

Faz todos os pontos de fantasia automaticamente e trabalhos a cores sem lãs pelo avesso.

Ensino completo e gratuito sem limite de tempo.

Assistência técnica eficiente e garantida.

Concessionário para o Algarve:

JOSÉ COSTA MARIANO

Sede: Rua 5 de Outubro, 88-90 — Telef. 274 — LOULÉ

Filial — Rua Gil Eanes, 4 — Telef. 22554 — FARO

ACEITAM-SE AGENTES

RECORDANDO...

(Continuação da 1.ª página)

pírita. Mas não quis servir de desmancha-prazeres, tanto mais que na Vila nunca havia existido uma publicação periódica, dedicada aos interesses regionais, e assumi o compromisso de contribuir, semanalmente, com um artigo de minha lavra.

Isso, porém, não bastou, como mais tarde se fez mister. O jornal publicava-se ao domingo, e era impresso em Évora, cidade distante para mais de cem quilómetros. Acontecia, por vezes, que depois de enviado o original julgado necessário à publicação, esta encailhava porque a quantidade enviada não chegava para cobrir as quatro páginas do formato, aliás avantajado, para uma publicação sem anúncios.

O prof. Cabrita dispunha sempre de largos recursos, pois bastava-lhe desviar dos «Ecos» uma ou duas páginas para cobrir outro tanto espaço do nosso precário «Progresso». Mas isso não convinha, já porque o semanário se tornava monótono, já porque a nossa divisa era outra. Nestes casos, acontecia que, numa ou noutra sexta-feira, à hora do jornal ser impresso, aparecerem telegramas nestes termos: «Mandem original para mais uma, mais duas colunas... sem o qual o espaço respectivo sairá em branco, a menos que se inventasse um anúncio forçado.

Por minha parte procurei estar precavido contra tais acidentes, preparando, nas horas vagas, aquilo a que se chama um «nariz de cera». Tinha sempre de prevenção dois ou três desses narizes. Um deles era a Estrada do Alto Algarve, obra que eu pintava como sendo a via Apia dos romanos, dum interesse incalculável no domínio da economia algarvia.

Entretanto o jornal continuava sem colaboração, à parte uns beneméritos que diziam coisas muito bonitas, mas que ninguém lia. Um dia apareceu um gracioso disposto a travar combate à arma branca, com um artigo que se intitulava de «Farpas».

«Farpas», em resumo, eram retratos psico-fisiológicos, alvejando e atingindo, pelo ridículo, certos Marialvas da Terra. Ainda perguntei ao engraçado escriptor se ele estaria disposto a fazer caução de uma ou duas costelas, como desforra por pretensas ofensas. Disse logo que não, pois tinha em grande estima a integridade do corpinho, e então que lhe consentissem o pára-óvio do anonimato. Como é óbvio, deu-se o que estava previsto: as «Farpas» foram retiradas da circulação, sob a ameaça dum bom saldo de injúrias e ameaças.

Doutra vez recebemos convite duma pessoa recatada de Lagoa, aliás digna e respeitada, para uma troca de impressões. Designado que fui para o desempenho da missão, logo se me depa-rou um óbice de natureza religiosa: a pessoa em questão considerava heresia a farandulagem dos espíritos, após a morte, posta pelo meu colega em artigo doutrinar, e queria vê-la banida da face da terra, porquanto, segundo essa pessoa, os espíritos têm alojamento assegurado, bem mais digno e decente, pelo Novo e pelo Velho Testamento. E pedia uma emenda. Perfeitamente — respondi. Terá a emenda, mas feita por V.ª Rev.ª (pois tratava-se dum sacerdote) até porque, sendo o jornal da Terra e para a Terra, aberto a todas as doutrinas razoáveis, mal ficaria qualquer recusa. Vai ser, portanto, nosso colaborador, com ampla liberdade de expor o que entender sobre a matéria, sujeitando-se, é claro, à controversia. E assim foi.

Outros colaboradores, entretanto, apareceram, merecendo

referência especial um nosso conterrâneo, um Louletano de boa estirpe, que adoptou o pseudónimo de «José da Vila», cujas crónicas foram sempre lidas com muito agrado.

Era aqui a altura de encerrarmos esta exposição, se não com brilho, pelo menos com resignada paciência do leitor. Há, porém, um pormenor relacionado com a Estrada do Alto Algarve que não desejamos omitir:

Por volta de 1929 fui transferido para Loulé; pouco depois o prof. Cabrita desandou para Lisboa, e a trempo do «Progresso Algarvio» desfez-se e, com ela, a vida do jornal.

Uma vez em Loulé, fui chamado a fazer parte da vereação duma Câmara, onde servi como vice-presidente. Foi a Câmara dos iconoclastas que não permitiu a erecção do busto a José da Costa Mealha, já então patrono da Avenida do mesmo nome. Esse facto, porque ia bulir com a gente grata da Terra, suscitou contra a Câmara decidas mánotadas, que se converteram em inimizades pessoais, algumas de longa projecção.

Como quem não deve não teme, cada um procurou fazer o melhor que podia e sabia, e foi nessa intenção que um dia me desloquei a Lisboa, a expensas próprias, a pedir a cedência de três edifícios escolares, que permaneciam abandonados, na posse do Estado. Deferido o pedido, aproveitei o ensejo para tratar de outro assunto: A continuação da Estrada do Barranco do Velho, enquistada no sítio do Porto Nobre.

Para o efeito dirigi-me à sede da Junta Autónoma das Estradas, na Rua do Alecrim. Perguntei pelo sr. Presidente, que então era um ilustre algarvio — o sr. General Trindade — que eu conhecia de Lagoa, mas fui dissuadido pelo continuo da possibilidade de ser recebido nesse dia, e muito menos à hora a que lá cheguei — oito da manhã. E que não insistisse — dizia o zeloso funcionário — pois S. Ex.ª, o Presidente, tinha dias certos para receber as pessoas estranhas ao serviço, e eu estava em dia de fecho. Mas, por descuido ou inadvertência, o homem foi dizendo que o sr. Presidente estava lá dentro, em sessão de trabalho. Foi quanto quis ouvir, porquanto, não obstante as ordens formais, fiz gesto de avançar em direcção ao Gabinete. Como último recurso, o funcionário pediu-me o cartão, e lá se foi com ele.

Qual não foi o meu espanto, e do próprio continuo, quando, acto imediato, o sr. General Trindade que, vindo ao meu encontro e a sorrir, me diz: O que o traz por cá? — a Estrada do Alto Algarve, com certeza!...

Fiquei desarmado e tive vontade de recuar e vir-me embora. Mas o acolhimento fora tão lhamo e amistososo que me deu coragem para o resto. E ainda disse que a estrada do B. do Velho era a primeira em urgência e benefícios para o Algarve, adoptando, para o caso, um tom lamuriento.

Valha-o Deus — voltou o sr. General — pois a primeira, quanto a mim, continua a ser a do nosso «Progresso Algarvio», que está lá dentro, no cofre (e apontou para o interior) e só no próximo ano, se Deus me der vida e saúde, terá entrada a sua afilhada da última hora — a estrada do B. do Velho. E assim foi.

J. G. Pereira

Ajude o Artesanato!
comprando «obra de palma» Algarvia

Panorâmicas... de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

— O desvio do Caminho de Ferro entre Boliqueime e Almaraz.

— A construção da Escola Técnica.

— A construção de um Palácio de Justiça.

— Instalação de uma estalagem no Miradouro da Picota.

— A rede de esgotos em Quarteira.

— A construção de uma Piscina Municipal.

— A supressão da passagem de nível de Loulé-Gare.

— A melhoria da instalação da rede de baixa tensão na Vila, com a comitante aquisição de transformadores precisos para suportar a carga dos novos núcleos previstos.

UMA DATA e um aniversário

(Continuação da 1.ª página)

na posse de bons títulos de nobreza.

O que é certo, porém, é que por morte de D. João III a nação caiu sob a regência duma senhora espanhola, que era ao mesmo tempo avó do futuro rei D. Sebastião. Por esse facto os espanhóis, que sempre foram nossos amigos nas ocasiões críticas, aproveitaram-se do momento para exercerem forte influência nos costumes do País, adulterando e amolecendo o nosso espírito de independência. Não fizeram, contudo, de D. Sebastião um vassalo para destruir esse espírito, mas tornaram-no propenso à aceitação de empresas arriscadas, que mais tarde remataram no trágico desastre de Alcácer Quibir. A nossa independência, virtualmente, acabou aí.

Sem soldados nacionais, os que havia estavam no ultramar, recrutou pela Europa um exército de mercenários, tendo à frente o rei, e nos comandos uma pleiade de fidalgos, muitos dos quais dos tais de atacar pela boca. O que é certo é que o desastre foi completo, e tão completo que para acudir à libertação da «fina flor», negociada à razão de vinte mil cruzados por pessoa, ainda foi preciso chamar o auxílio da Espanha e dos judeus do Norte de África, para servirem de medianeiros.

O reinado a seguir foi curto e por assim dizer serviu de prelúdio à Espanha para invadir Portugal com tropas. Já o havia feito por outros processos: pela propaganda, ou comprando vontades, opiniões e votos de toda a espécie e por qualquer preço, a pontos de Filipe II de Espanha, ao entrar em Portugal, dizer: «Portugal pertence-me por direito de herança, direito de conquista e direito de compra». Isto, afinal, confirmava a opinião do Cardeal-rei, quando Febo Moniz, nas cortes de Almeirim, se contrapôs à vontade do rei, e este lhe replicava: «Que força tendes para resistir ao poderio de Espanha»? E a independência sumiu-se na batalha de Alcantara!

Os 60 anos a seguir não vale a pena referir, porquanto de humilhado e ofendidos para baixo nada nos faltou. O único sopro de glória veio-nos com o 1.º de Dezembro de 1640, e com ele nos temos conservado para manter vertical o nosso padrão de independência.

Com a celebração do 1.º de Dezembro coincide um aniversário que alegria a nossa terra — o aparecimento de «A Voz de Loulé» — jornal de modesta aparência, mas que se conserva fiel ao afôrismo: as pessoas não se medem aos palmos. Aliás, Loulé sempre tem sido terra de jornais. Temos conhecido tantos!

«A Voz de Loulé» chegou precisamente no momento oportuno, isto é, quando o silêncio dos caracteres de imprensa vinha de longa data, com o desaparecimento do «Primeiro de Maio», de saudosa memória, e começou por soltar uns vagidos vacilantes, quase a medo. Depois cresceu em ânimo, criou pulmões e engrossou a voz. E hoje, que já transpôs a idade escolar, é o que todos vemos: um rebento de fundadas esperanças. Benza-o Deus!

Formulando os nossos votos de boa saúde pela «Voz de Loulé», dirigimos ao seu corpo directivo as nossas saudações, exprimindo, ao mesmo tempo, o desejo de que a voz da nossa terra seja o traço de união a ligar o meio ancestral aos muitos milhares de conterrâneos que trabalham lá fora, no desamparo da nossa língua e na ausência duma voz amiga que traduza o sentimento de cordialidade e de saudade que é o melhor metal da nossa gente.

J. G. Pereira

Estamos mesmo a ver o riso incrédulo de muitos dos pensadores louletanos ao lerem com o sarcástico comentário de que estamos a sonhar.

Mas para não ficar tudo no papel uma última afirmação e esta de carácter mais positivo: — Dentro em breve começarão as obras de construção do novo e rico Santuário da Nossa Senhora da Piedade.

*

Começam a chegar os emigrantes que vêm passar o Natal com as suas mulheres e filhos.

Todos trazem blusões de farto forro de lã, daqueles que tapam o frio em França, quanto mais entre nós.

As mulheres também ganham bons casacos de peluche, astrakan e até de peles. Outras compraram-nos lá porque, já são muitas as que vivem ali em companhia dos maridos.

E de luvas nem se fala...

Muitos vêm com elas calçadas e de dedos abertos para darem mais nas vistas.

Enfim, grande é a alegria por se encontrarem junto dos seus, a matarem saudades e a passarem a consoada em redor do madeiro do Natal.

R. P.

Futebol

(Continuação da 1.ª página)

vista de Portimão e o Fuseta. Contra esta última equipa o querer da equipa louletana foi admirável. Estando a perder por 3-0, não baixou a cabeça e estôicamente reduziu a diferença a 3-2. Depois surgiu o empate e por fim premiando a sua indomita vontade e o seu melhor futebol o golo da vitória ditou um vencedor justo. A prova prossegue: confiamos no brio dos nossos atletas, de dedicação dos dirigentes e no espírito baírrista da massa associativa e dos louletanos em geral, pois que o clube mais do que uma função local é bem o digno representante da Vila de Loulé!

DISTRITAL DA 1.ª DIVISÃO

Classificação após a 5.ª Jornada

Clubes	J.	V.	E.	D.	P.
Sambrasense	5	5	—	—	10
Farense	5	4	1	—	9
Lusitano	5	3	1	—	7
LOULETANO	5	2	2	1	6
Faro e Benf.	5	2	2	1	6
Silves	5	2	—	3	4
Moncarap.	5	1	—	3	4
Boavista	4	1	—	3	2
Fuseta	4	—	—	4	0
Lagos	5	—	—	5	0

Próximos encontros do Louletano:

6.ª Jornada — 4 de Dezembro

LOULETANO — Silves

7.ª Jornada — 11 de Dezembro

Farense — LOULETANO

8.ª Jornada — 18 de Dezembro

LOULETANO — Moncarapacho

9.ª Jornada (final da 1.ª volta)

1 de Janeiro

Lagos — LOULETANO

O Louletano presente no Distrital de Juniores

No prosseguimento da sua campanha de valorização desportiva, o Louletano Desportos Clube estará presente em mais uma importante prova promovida pela Associação de Futebol de Faro: o Campeonato Distrital de Juniores. Este torneio tem além do mérito de chamar à prática oficial do desporto - rei muitos jovens desta vila, a descoberta de novos valores com vista à sua integração no grupo principal. Ao Campeonato Distrital de Juniores concorrerão oito equipas: Louletano, Lusitano, Olhanense, Farense, Faro e Benfica, Portimonense, Silves e Lagos, iniciando-se a prova no domingo, dia 4 de Dezembro. Os encontros são disputados às onze horas e o calendário do Louletano é o seguinte:

1.ª Jornada — 4 de Dezembro

Olhanense — LOULETANO

2.ª Jornada — 11 de Dezembro

LOULETANO — Lagos

3.ª Jornada — 18 de Dezembro

Faro e Benfica — LOULETANO

4.ª Jornada — 1 de Janeiro

LOULETANO — Silves

5.ª Jornada — 8 de Janeiro

Portimonense — LOULETANO

6.ª Jornada — 15 de Janeiro

Farense — LOULETANO

7.ª Jornada — 22 de Janeiro

LOULETANO — Lusitano

Os encontros da 2.ª volta efectuar-se-ão nos campos dos visitantes. As três equipas que melhor se classificarem tomam parte na disputa do Campeonato Nacional de Juniores

J.



Natal Feliz

com o presente que fica para sempre

Gás Mobil

CAMPANHA DE 15 DE NOVEMBRO A 15 DE JANEIRO. FAÇA O SEU CONTRATO ONDE VIR ESTE SINAL



Mobil Oil Portuguesa, S.A.R.L. AGENTES E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

CLICK!



«A VOZ DE LOULÉ» N.º 360 — 6-XII-1966

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito, desta comarca, na acção de venda de penhor n.º 72/66, pendente na 1.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca, movida pelo autor Martin Nedeleau, casado, Gerente comercial, residente em Lisboa, na Rua 1.º de Dezembro, 45, 3.º esquerdo, contra o réu Daniel Palmeira Esteves, casado, comerciante, ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América do Norte e com a última residência conhecida no País, no sítio do Porto Nobre, freguesia de Querença, desta comarca, é este réu citado para no prazo de VINTE DIAS, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, depois de finda a dilação de 60 dias, pagar àquele autor a quantia de 27.000\$00, acrescido dos juros estipulados (5% ao ano, elevados a 8% a partir do não cumprimento do acordado) ou deduzir a oposição que tiver no processo acima referido, destinado à venda do penhor constituído como garantia do pagamento da mencionada importância, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial, o qual se encontra na secção à disposição do citando.

Loulé, 10 de Novembro de 1966

O escrivão de direito

(a) João do Carmo Semedo

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito, 1.º substituto (a) Jacinto Duarte

CLONA

-- Mineira de Sais Alcalinos, S.A.R.L.

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 14-XI-1966, lavrada nas minhas notas de fls. 14 v.º a 16 v.º do livro n.º A-32, foi reforçado o capital da sociedade em epigrafe, de harmonia com o § 2.º do art. 5.º do estatuto social, em que, por deliberação conjunta dos Conselhos de Administração e Fiscal, foi resolvido proceder-se a esse reforço com a emissão de 3.950 acções, cada uma no valor nominal de 1.000\$00, com reserva de preferência para os accionistas, que o subscreveram totalmente, pelo que o citado art. 5.º deverá ser substituído por outro que fica com a redacção seguinte:

«5.º — O capital social é de 5.000.000\$00, dividido em 5.000 acções de valor nominal de 1.000\$00 cada uma.

§ 1.º — Todo o capital está inteiramente subscrito, o que afirmam sob sua responsabilidade, e encontra-se realizado em 1.050 contos, parte correspondente ao capital inicial, devendo o restante, ou sejam 3.950 contos, ser pagos logo que o Conselho de Administração proceda à respectiva chamada ou chamadas.

§ 2.º — Do capital social, 1.000 contos são exclusivamente destinados à lavra de minas».

Está Conforme

Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Faro, aos 15 de Novembro de 1966.

O Notário,

Luís Augusto da Silva e Sabbo

QUER ACOMPANHAR-ME?...

(Continuação da 4.ª página)

vai ver. Na época dos livros de bolso, quase dá aflicção ver estes gigantes!

O primeiro é um Breviário de estante. Como vê, é encadernado em cabedal (com pregos, cantos e fechos de metal. Está a puxar na dor de braços com que ficaria a fita métrica? Com oportunidade, pois verá que mede 0,44 m x 0,285 m. E tem de espessura 0,165 m. Bonitas dimensões para um livro! E nem pensar na dor de braços com que ficaria o desgraçado frade que lhe segurasse para rezar o ofício!

Mas os dois companheiros excedem-no, em tamanho e em valor bibliográfico. Este *Antiphonarium Romanum*, infólio coral fechos e pregos metálicos é uma edição de Veneza, *apud Cieras*, e ostenta a respeitável data de 1616. Curiosa ainda a legenda: *Sub signo Europae*.

Mostro-lhe mais outro *Antiphonarium*, também infólio, que apresenta no fim, manuscrito, um *Nocturnum B. V. Virginis Ad servitium in Coro Conventus S. Antonii de Loulé Praesule Fr. Martino a Pace Julia Praedicatoris etc. Elaboratum a Fr. Ivone da Vidigueira*.

E portanto, um livro de coro

VENDEM-SE

Dois prédios urbanos, optimamente localizados no centro da Vila.

— Uma quintinha com árvores de fruto e água de nascente para consumo e rega.

— Prédio para demolir, de gaveto, com plano aprovado para 3 pisos. Preço muito acessível.

Nesta redacção se informa.

que pertencia ao Convento de Santo António, e, sendo Superior desse convento Fr. Martinho de Beja, o Fr. Ivo da Vidigueira escreveu à mão esse canto-chão do ofício de Nossa Senhora.

Na altura da extinção dos conventos, o Governo mandou distribuir pelas outras igrejas as alfaias que aqueles pertenciam. E assim veio parar à matriz este monumental volume.

É pertinente a sua pergunta, pois é! Para quê uns livros tão grandes? Evidentemente não se destinavam a ser levados nas procissões... Eram colocados numa estante grande, no meio do coro, e os frades, cônegos ou beneditinos juntavam-se à roda para cantar pelo mesmo livro. Já vi um com as letras maiores ainda, para que os cônegos pudessem executar o canto sem se afastarem das suas cadeiras corais. Onde leva a santa comodidade duma santa comunidade.

Ora precisamente estes livros nos trouxeram docemente pela mão ao assunto que, a seguir, nos vai ocupar. E que, nesta igreja matriz de S. Clemente, existiu e funcionou uma das Colegiadas do Algarve e são muitos os elementos informativos que sobre ela existem e vão preencher as próximas vezes que ao meu leitor-companheiro apraza acompanhar-me... E, como, desde o V destes *rabiscos*, lhe devo uma resposta a respeito do termo — Colegiada — será por aí que começaremos no próximo encontro, que podemos marcar ainda para a sacristia, onde podemos consultar as velhas e as novas *Visitas*, sob o olhar benévolo do digno Prior, que, sendo também *navegador destes mares*, até poderá entrar na conversa...

Alvaro Pais

